

A Introdução e os Usos da Feijoa ou Goiabeira Serrana (*Acca sellowiana*): A perspectiva da história ambiental

The Introduction and Use of Feijoa or Pineapple Guava

(Acca sellowiana): Perspective of environmental history

Samira Peruchi Moretto

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora substituta do Departamento de História/CFH/UFSC.

samirapm@gmail.com

Eunice Sueli Nodari

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em História/CFH/UFSC.

eunice.nodari@gmail.com

Rubens Onofre Nodari

Doutor em Genética Vegetal pela University Of California at Davis. Professor do Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais/CCA/UFSC.

rubens.nodari@ufsc.br

MORETTO, Samira Peruchi; NODARI, Eunice Sueli; NODARI, Rubens Onofre. A Introdução e os Usos da Feijoa ou Goiabeira Serrana (*Acca sellowiana*): A perspectiva da história ambiental. *FRONTEIRAS: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, Anápolis-Goiás, v.3, n.2, jul.-dez. 2014, p.67-79.

Resumo

A feijoa (*Acca sellowiana*), também conhecida como goiabeira-serrana, é uma espécie frutífera nativa do planalto meridional brasileiro e do norte do Uruguai. No Brasil, a espécie se encontra principalmente nos biomas Pampa e Mata Atlântica, neste último parte da fitofisionomia da Floresta Ombrófila Mista. A espécie foi introduzida em outros países, fora da sua área natural de ocorrência. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de introdução e do uso da feijoa fora e dentro da sua área de ocorrência natural. Faz parte da História Ambiental estudar as relações dos homens e mulheres com o meio ambiente; desta forma, o estudo da domesticação da feijoa se insere neste contexto. Mesmo o Brasil sendo a principal área de ocorrência natural da feijoa, ainda é importador das frutas produzidas na Colômbia – maior país exportador da espécie. No Brasil, a feijoa tem se destacado ainda recentemente em termos de pesquisa e uso. A fruta, já bastante conhecida e utilizada no exterior, vem ganhando espaço no cenário nacional, possibilitando a manutenção de uma espécie nativa e auxiliando na conservação da floresta a qual ela pertence.

Palavras-Chave: Feijoa; Domesticação de Plantas; Usos dos Recursos Naturais.

Abstract

The feijoa (Acca sellowiana), also known as feijoa, is a native fruit species of the Brazilian southern highlands and northern Uruguay. In Brazil, the species is native from Biome Pampa and Atlantic Forest in the latter vegetation type in the Araucaria Forest. The feijoa was introduced in other countries outside their natural area of occurrence. The objective of this study is to analyze the process of introduction and use of feijoa inside and outside of their natural range. Part of the Environmental History to study the relationships of men and women with the environment in this way, the study of the domestication of feijoa fits in this context. Even though Brazil is the main area of natural occurrence of feijoa, still imports of fruits produced in Colombia, which is the largest exporter of fruit. In Brazil, the species has recently has excelled in terms of research and use. The fruit already well known and used outside of Brazil, is gaining momentum in the national scene, enabling the maintenance of a native species and helping in the conservation of the forest to which it belongs.

Keywords: Feijo; Domestication of Plants; Uses of Natural Resources.

A feijoa (*Acca sellowiana*) ou goiabeira-serrana é uma espécie frutífera encontrada nos biomas Pampa e Mata Atlântica. É nativa do planalto meridional brasileiro e do norte do Uruguai, e neste último, na fitofisionomia da Floresta Ombrófila Mista. Foi introduzida e aclimatada em países fora da sua área natural de ocorrência, sendo encontrada na França, Itália, Rússia, Nova Zelândia, nos Estados Unidos, em Israel e na Colômbia.

Durante muito tempo serviu como fonte de alimento para os grupos étnicos que viveram na região onde a espécie é nativa. A parte da planta de maior interesse e mais utilizada pelo homem é o fruto, que pode ser consumido *in natura* ou então processado de várias formas. Nos locais onde a feijoa não possui condições climáticas para produzir frutos, foi introduzida para uso ornamental em função de suas flores. Como exemplo de locais externos que utilizam o potencial da fruta, pode-se citar a Nova Zelândia, onde existem pelo menos treze produtos derivados da feijoa, como geleias, sorvetes, espumantes, sucos puros e molho. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de domesticação, de introdução e do uso da feijoa fora e dentro da sua área de ocorrência natural.

A domesticação e a introdução de plantas são processos bastante antigos em todo o planeta, e são uma explícita forma de antropização das paisagens e do uso de recursos genéticos. A relação dos seres humanos com o meio natural foi, durante muitos anos, pouco avaliada e pouco utilizada como objeto de estudo dentro da academia. Questões empíricas e cotidianas deixaram de

ser registradas, o que limitou o aprofundamento nos estudos de tais relações. A História Ambiental, segundo Donald Worster, apresenta-se em uma nova premissa:

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “super-natural”, de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. (Worster 2003)

Por ser uma espécie nativa e fazer parte do cotidiano dos grupos sociais que residem no habitat natural da planta, a feijoa foi pouco registrada, mas está presente na memória dos moradores locais. No Brasil, a espécie ainda foi negligenciada em termos de pesquisa.

O Brasil possui a flora mais rica do mundo, com mais de 56 mil espécies de plantas, correspondendo a quase 20% da flora mundial (Giulietti 2007); mesmo assim, o estudo dessas espécies e a relação delas com os homens e mulheres é bastante restrito. Somente o bioma Mata Atlântica possui em torno de 20.000 espécies vegetais, das quais ao redor de 8.000 são endêmicas, isto é, grupos taxonômicos que se desenvolveram numa região restrita. No entanto, mesmo com grande quantidade de espécies nativas, o país optou (e agora sofre ameaças) pela introdução das espécies exóticas. Por outro lado, tem apenas dado passos tímidos para o uso e domesticação de espécies nativas, como é o caso da feijoa.

A Floresta de Araucária, umas das fitofisionomias da Mata Atlântica, é conhecida como um conjunto vegetacional com características distintas, recebendo denominações diversas: floresta de pinheiros, pinhais, zona de pinhais, mata de araucária, entre outras. Atualmente emprega-se a terminologia proposta pelo IBGE: Floresta Ombrófila Mista (FOM), que é adequada a um sistema de classificação da vegetação intertropical e faz parte do mosaico de formações florestais da Mata Atlântica (Medeiros 2004). É predominantemente dentro desta formação que a feijoa é nativa.

Nesta região, a floresta, valorizada pela sua importância para o setor madeireiro, foi derrubada em grande escala durante o século XX; sendo a primeira metade deste século marcada por incentivos ao desmatamento. No estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, o principal objetivo dos governantes era estabelecer colônias nas áreas antes ocupadas por indígenas, espécies animais e vegetais. Para o estabelecimento dos colonos a floresta era derrubada, não importando quais espécies existiam no local.

A araucária possuía grande valor comercial e era utilizada como matéria prima para as indústrias madeireiras da região. Foi desta forma que se iniciou o processo de desmatamento e a ameaça de extinção de muitas espécies nativas, pois, juntamente com as araucárias, sucumbiram

outras espécies presentes nesta fitofisionomia. Tal exploração promoveu uma redução drástica, quase completa, das florestas com araucária. Com uma distribuição natural de 200.000 km², hoje restam apenas entre 2 e 4%, da mata original, onde as matas intactas com araucária são cada vez mais raras (Simões & Lino 2002). Com a superexploração de recursos madeireiros, em especial da araucária, os sub-bosques também sucumbiram, e com eles as espécies frutíferas nativas, onde se insere a feijoa. Legitima-se, desta forma, a importância do estudo e quiçá da preservação da mesma.

Feijoa: A Goiabeira-Serrana do Brasil

A *Acca sellowiana* pertence à Família *Myrtaceae*, que compreende cerca de 130 gêneros e 400 espécies distintas. É uma fruteira nativa do planalto meridional brasileiro e do leste uruguaio. Há menção de ocorrência natural em *Misionoes*, na Argentina e no Paraguai, porém há falta de evidências mais robustas da ocorrência espontânea nestes dois países. Ocorre com maior frequência em áreas com altitudes superiores a 1.000 metros e com formação de bosques e matas de araucária. Contudo, também já foi encontrada em altitudes de até 210m. A planta atinge em média quatro metros de altura, e o início de produção se dá a partir do quarto ano (Mattos 1986).

No Brasil a espécie, como já mencionado, tem ocorrência natural nos biomas da Mata Atlântica e Pampa. Nas florestas da Mata Atlântica, a araucária geralmente predomina e está associada com a imbuia (*Ocotea porosa*) e a sapopema (*Sloanea monosperma*). No sub-bosque, é comum a presença do cedro (*Cedrela fissilis*), da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e diversas *Myrtaceae* frutíferas, como o araçazeiro (*Psidium longipetiolatum*), a guabirobeira (*Campomanesia xantocarpa*), a feijoa (*Acca sellowiana*) e vários gêneros cujas espécies são conhecidas como cambuim e guamirim. Já no bioma Pampa, a vegetação predominante é de campos, onde as mais de 400 espécies de gramíneas se associam com a vegetação arbórea, em cujas bordas é encontrada a feijoa.

O fruto da *Acca sellowiana* recebeu o nome de goiabeira-serrana por sua forma ser semelhante à da goiaba comum, apesar de pertencente a outro gênero (*Psidium guajava* L), mantendo as semelhanças apenas nas propriedades físicas exteriores dos frutos. A feijoa é conhecida também, popularmente, como goiabeira-do-mato ou goiabeira-do-campo. No Uruguai, como *guayabo del país* ou *guayabo-verde*, enquanto que na Colômbia é conhecida por *guayabo-feijoa*.

O fruto pode variar de 20g a 250g, com formato variando de redondo a oblongo, de dimensões diversas e espessura de casca aderente de até 1,3 cm (maior nos frutos rugosos), que

pode ser dura ou relativamente mole, quando pode ser parcialmente consumida. A película é verde de várias tonalidades desde verde cinza até verde oliva, podendo ser lisa, ou rugosa, com a presença de gelhas. A polpa é a parte destinada ao consumo (Mattos 1986).

Essa fruta fazia parte dos gêneros coletados pelos indígenas do sul do país, que a denominavam de *Quirina*, *Kanê kriyne* ou *Guarobí*. Os Xokleng, durante os meses de outono e inverno (sobretudo abril, maio e junho), deslocavam-se para as matas de araucárias das bordas do Planalto meridional para a coleta do pinhão, para caçar os animais atraídos à região pelas sementes de araucária e para coletar espécies frutíferas presentes na mesma mata. Ainda há a denominação proveniente dos Guarani que ocupavam a região andina: *Nyandua-pishá*. A diferente nomeação das plantas aponta a sua presença em diferentes grupos étnicos, com usos distintos e, possivelmente, vias de domesticações também distintas. Mostra também que a categorização das espécies nem sempre é óbvia e estática dentro da etnociência (Patiño 2002).

A espécie recebeu diferentes classificações até chegar a *Acca sellowiana*. A partir de frutos coletado por Frederich Sellow na Província de Montevideo (Uruguai) e em São Francisco de Paula (atualmente Pelotas, no Rio Grande do Sul), Berg classificou, em 1856, a espécie como sendo *Orthostemon sellowianus* e *Orthostemon obovatus*, respectivamente. Como o gênero já existia para outra família, Berg criou posteriormente em 1859 o Gênero *Feijoa* para o qual transferiu as duas espécies. Em 1893, outra espécie foi descrita por Kiaerskou, *Feijoa schenckiana*, a partir de material coletado por Schenck proveniente de planta de feijoa cultivada em Blumenau, Santa Catarina (USDA 2012).

Berg constatou que existia apenas uma espécie, *Feijoa sellowiana* (Berg), da qual se podem encontrar plantas com dois tipos de fruto, liso ou rugoso, se tratando apenas de formas distintas e não de espécies diferentes. Porém, em 1941, Burret passa o gênero *Feijoa* para o gênero *Acca*, visto suas semelhanças, que dispensavam a manutenção de gêneros distintos, já que este último havia sido descrito pelo próprio Berg para duas espécies dos Andes, em 1856, antes, portanto, de ter descrito o gênero *Feijoa*. Atualmente, dois tipos são considerados: o tipo Brasil, de ocorrência no planalto da região sul, e o tipo Uruguai, aparecendo no sul do Rio Grande do Sul e no Uruguai. As principais diferenças estão no tamanho da semente (muito maior no tipo Brasil) e características das folhas.

A Introdução da Feijoa Fora de sua Área Natural de Ocorrência

O primeiro relato de domesticação da planta fora da sua área de ocorrência natural deu-se em 1890, quando o botânico francês Edouard André levou para seu país alguns exemplares da feijoa colhida na região do *Plata* e do sul do Brasil. Da França, André enviou mudas da planta para os Estados Unidos, sendo posteriormente disseminada para dezenas de países. Devido a estes deslocamentos, a feijoa é hoje encontrada, além da França e Estados Unidos, na Itália, na Rússia, na Nova Zelândia, em Israel e na Colômbia, entre outros.

A feijoa chegou à Nova Zelândia no início do século XX, sendo ali recebida com maior interesse do que em qualquer outro país, até aquele momento. Um viveirista de Auckland introduziu no país três cultivares oriundos da Austrália, em 1908 (Morton 1987). A facilidade da adaptação e da aclimação da espécie, na Nova Zelândia, foi atribuído ao fato do país estar na mesma linha latitudinal da região de onde a feijoa é nativa.

A partir de basicamente três variedades de feijoa foram desenvolvidas uma série de melhoramentos e outras variedades da fruta, sendo este um indicativo da sua importância neste país. Muitos estudos foram realizados com a espécie, e financiamentos foram obtidos tanto de empresas privadas quanto de órgãos governamentais. É o caso da Associação de Produtores de Feijoa da Nova Zelândia, formada em 1983. Desde essa data, a produção foi intensificada e a fruta tem sido exportada para os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Holanda, França e Japão. Neozelandeses também plantam a feijoa como um quebra-vento em torno de culturas sensíveis.

Na Colômbia, a feijoa foi aclimatada por volta de 1937, através da importação de mudas neozelandesas. Mesmo havendo a cultivo no país desde sua introdução, a produção ganhou intensidade nas últimas décadas do século XX (Fischer 2003). Com o passar dos anos, a feijoa foi recebendo cada vez mais atenção e valorização no país, havendo, a partir da década de 1980, um aumento no número de produtores. Existem municípios onde a produção da fruta é a principal fonte de renda dos moradores – caso de Tibasosa, pertencente ao Estado de Boyacá, cujo símbolo municipal é a feijoa. Encontrada em diferentes pontos de venda, a feijoa é um importante produto da economia colombiana.

Em 1996, a maior parte da produção de feijoas era dirigida principalmente ao consumidor colombiano, mas já havia estudos sobre as normas de qualidade visando futuras exportações em grande quantidade da fruta. As plantações eram localizadas principalmente em Duitama, Sogamoso e Tibasosa.

Atualmente a Colômbia lidera o ranking de exportação da feijoa, e existem empresas especializadas na venda da fruta para diferentes regiões, em especial para a Europa. A situação brasileira é inusitada: o país é a principal área de ocorrência natural e, ao mesmo tempo, é importador das frutas desta espécie produzidas na Colômbia.

A Domesticação e os Usos da Feijoa no Sul do Brasil

No Brasil, o início do processo de domesticação ocorreu recentemente, pois desde o início da colonização brasileira houve um grande “processo de reorganização da paisagem brasileira e do desenvolvimento de novos recursos agrícolas via domesticação de espécies silvestres nativas e via aclimação de espécies domesticadas exóticas” (Dean 1996). A introdução de espécies exóticas após os incentivos gerados pelo Código Florestal de 1965, que dava subsídios para o reflorestamento, fez com que o cultivo de espécies nativas, principalmente frutíferas, fosse deixado de lado. A partir da década de 1980, em resposta às externalidades negativas da Revolução Verde e à busca de alternativas para o pequeno agricultor sobreviver frente às grandes empresas, cresceu a importância do uso de espécies nativas para obtenção de fonte de renda.

Anteriormente à década de 1980, eram pequenos os esforços para a domesticação da feijoa. Em 1950, o botânico João Rodrigues Mattos publica o livro *Goiabeira Serrana – frutas nativas do Brasil*, resultante de anos de estudos sobre a tipologia, distribuição e domesticação da planta, no qual o autor faz um breve histórico da descoberta e disseminação da espécie. Em entrevista, Mattos afirma que desde a década 1950 realizou estudos sobre a espécie:

A região onde que nasci a feijoa é nativa. Inclusive lá no meu sitio tem duas variedades: a típica de fruto liso e a de fruto rugosa. (...) A minha foi a primeira turma da escola agrícola de Lages, (...) daquela época eu já gostava das frutas do mato. Sempre me metia dentro do mato. Quando eu fui para escola de Viamão, iniciei um estudo mais sério. Na década de 1940, na escola de Viamão, fiz uma plantaçozinha das espécies para experimento. (Entrevista com o agrônomo João Rodrigues Mattos 2009)

Em 1978, Mattos montou um pomar na Estação Experimental de Maquiné, Rio Grande do Sul, com auxílio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), onde recebeu um local para instalação do pomar e auxílio financeiro para realização de estudos relativos à feijoa. Depois de um ano, as verbas foram cortadas, por ser a pesquisa considerada de pouca relevância pela EMBRAPA. No entanto, Mattos afirma que na década de 1980, outros profissionais iniciaram estudos e a "planta começou a aparecer por todo o Brasil".

Uma das experiências isoladas e empíricas para a domesticação e uso da feijoa ocorreu no sul do Estado do Rio Grande do Sul, onde Seu Vino Münchow, agricultor, plantou cerca de um

hectare com mais de mil exemplares da espécie. Sua irmã, Dona Nilda, foi entrevistada em 2009 e conta como se iniciou o projeto de domesticação de Seu Vino:

Seu Vino cultivou este sonho durante muitos anos, até que ao voltar para a propriedade, após a aposentadoria em 1985, começou o seu projeto aproximadamente 10 anos depois. Inicialmente, Seu Vino plantou um pomar de figueiras, mas logo iniciou suas expedições em busca de plantas de feijoa que apresentassem características que lhe interessassem. Seu Vino era um agricultor experimentador por excelência e um colecionador de tipos diferentes de goiabeira-serrana. Ele fazia quilômetros em busca de plantas de goiabeira-serrana, sempre buscava as plantas que produziam frutas maiores. Além de coletar plantas jovens em ambiente natural, passou a produzir suas próprias mudas (apud Cardoso 2009).

O pomar do Seu Vino ainda conserva aproximadamente 200 plantas. Dona Nilda lamenta o fato de muitos dos conhecimentos apresentados na experiência do irmão se perderem em função da ausência de um processo de registro e sistematização dos saberes acumulados. Isto acontece principalmente por ser praxe negligenciar os fatos do cotidiano. Segundo Yates (2007) que estuda o diálogo entre cultura e memória, o trivial, o banal, o comum, que está impregnado no nosso cotidiano, não estimula a mente e a memória. Por este fato, o cotidiano acaba esquecido, desvanecendo-se. Através da História Oral, busca-se não somente tais fatos do cotidiano, como também as constatações sobre o meio ambiente, neste caso, sobre a feijoa, que deixaram de ser registrados ou documentados.

Outro local no Rio Grande do Sul, onde existe um esforço para a conservação da feijoa *in situ* é a serra gaúcha. Na região estão situados os municípios de Ipê, Antônio Prado e Monte Alegre dos Campos, considerados como Centro de Diversidade brasileira da feijoa.

No município de Ipê foi criado, em 1985, o Centro Ecológico Ipê, uma Organização não Governamental (ONG) que trabalha para viabilizar avanços sustentáveis na produção agrícola buscando a preservação ambiental e a justiça social, através da assessoria a organizações de agricultores familiares na produção, processamento e comercialização de alimentos ecológicos. O Centro Ecológico de Ipê visa alcançar através das políticas públicas o incentivo à agroecologia, estimulando a organização de produtores e consumidores e o desenvolvimento de mercados locais para produtos ecológicos, bem como implementando formas de manejo da biodiversidade agrícola e alimentar.

A agroecologia é o resultado das interações entre os recursos genéticos, meio ambiente e os sistemas de gestão e práticas utilizadas pelos agricultores a partir do uso de princípios e processos agroecológicos. Segundo Altieri:

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e

avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. (Altieri 2004)

Alguns dos projetos idealizados pelo Centro Ecológico foram financiados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que financia projetos individuais ou coletivos que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Um desses projetos foi a produção e distribuição de uma cartilha estimulando a produção agroecológica e a conservação da biodiversidade. Nesta cartilha (Meirelles 2006) são definidas algumas terminologias que auxiliaram o agricultor a interagir de forma direta com a produção agroecológica. A biodiversidade e agricultura estão fortemente interrelacionadas, a manutenção da biodiversidade é essencial para a produção sustentável de alimentos e os benefícios destes fornecem à sociedade segurança alimentar, nutrição e subsistência (CBD).

Os preceitos agroecológicos vêm norteando as atitudes dos agricultores, que estão há pelo menos vinte anos se preocupando com a qualidade de produção dos alimentos, produzindo de forma sustentável alguns gêneros alimentares. Dentre as espécies produzidas pelos agricultores vinculados ao Centro Ecológicos Ipê, está a feijoa, que vem há algumas décadas, de forma tímida, sendo manejada.

A produção agroecológica tem proporcionado inclusive a comercialização de frutos oriundos de população natural manejada e iniciadas experiências com o cultivo. Assim, a domesticação da espécie está em curso e seu uso está auxiliando na conservação da biodiversidade como um todo. A feijoa também está presente em muitos quintais onde a árvore é silvestre. A fruta faz parte do convívio diário dos moradores da Serra Gaúcha e é comercializada em feiras, junto de outros produtos oriundos da produção ecológica. Segundo o agricultor Vilmar Menegatti, “existe há muito tempo a fruta aqui, desde o tempo do meu avô existia a feijoa, sempre existiu na propriedade, tem na lavoura e nos poteiros naturalmente” (Entrevista com Vilmar Menegatti 2009).

O Centro Ecológico vem incentivando a ampliação do uso dessa espécie desde meados de 1995, principalmente porque percebeu a importância da feijoa nos pomares domésticos; a diversidade de frutos, a presença de matrizes de boa qualidade e a constância com que as famílias de agricultores manejam essa frutífera em espaços de poteiros, lavouras e nos arredores de casa. Ainda pelo fato da espécie apresentar potencial de manejo em sistemas agroflorestais.

Mesmo assim, são poucos os agricultores que utilizam a planta como única fonte de renda. Em agosto de 2009, em reunião realizada no município de Ipê com engenheiros agrônomos pesquisadores da espécie e agricultores da Serra Gaúcha, pôde ser visualizado que mesmo existindo exemplares da feijoa no terreno dos agricultores, outras espécies frutíferas ou até mesmo exóticas

são preteridas à feijoa. O intuito da reunião foi mostrar para os agricultores o potencial existente na fruta e a importância desta espécie estar presente no cotidiano de cada um deles.

Dois anos após essa reunião, foi publicada uma cartilha denominada *Melhoramento participativo da goiabeira-serrana* (Cardoso 2009). A cartilha buscou discutir especialmente o melhoramento genético participativo, “demonstrando o potencial e o importante papel que os agricultores têm, tanto no processo de criação de novas variedades, como também no da conservação da agrobiodiversidade”. Os levantamentos feitos na região têm indicado uma grande variabilidade genética para várias características como a cor da flor, o teor de sólidos solúveis, o peso de frutos, entre outras.

Como conclusão, a cartilha apresenta que a partir do conhecimento da variabilidade das plantas existentes e do conhecimento dos agricultores, e a partir de uma capacitação adequada, os próprios camponeses poderão dirigir a seleção de variedades, dos cruzamentos, promovendo assim, o manejo consciente da agrobiodiversidade.

A feijoa, nativa do planalto meridional brasileiro, durante muito tempo, servia como fonte de alimento para os grupos étnicos que viveram na região (indígenas e caboclos), devido à abundância da espécie. Há poucos relatos da relação entre os grupos indígenas e a feijoa, o que dificulta o entendimento do processo de domesticação. A chegada dos grupos sociais vindos da Europa, com o ímpeto da conquista, causou uma ruptura sobre este conhecimento, pois a integração cultural entre esses povos e os grupos indígenas foi muito pequena.

Por outro lado, o processo de modernização da agricultura e da sociedade, baseada nos preceitos ocidentais, não deixou margem para que aproveitássemos os recursos locais, incluindo aqui a feijoa, impondo a utilização de cultivos exóticos e menosprezando a capacidade de utilização e o conhecimento antrópico em seu ambiente.

O incentivo à produção e ao consumo das espécies nativas pode ser a resposta para a conservação da biodiversidade. A fruta, além de ser consumida pelos habitantes locais, também serve de alimento para o gado quando se encontra nos campos habitados por estes animais. Segundo Mattos, o gado se alimenta da feijoa e, por ser rica em iodo, evita o desenvolvimento de “papeira” ou bócio, responsável pelo aumento do volume da glândula tireoide, em animais e também nos seres humanos. A alta concentração de iodo também leva a feijoa a ser utilizada, na medicina profilática, como prevenção às doenças das glândulas de tireoide (contém cerca de 0,6 mg/100 g de iodo por fruto); são feitos chás tanto da flor como da fruta (Lim 2012).

O animal que dela se alimenta pode ser considerado um dispersor das sementes que são depositadas no solo, através das fezes. Completa-se, desta forma, um ciclo para a manutenção e conservação do bioma nativo. A concepção do dinamismo, na conservação de um bioma, foi explorada por Donald Worster (2012), quando este afirma que a história ambiental vem auxiliando no processo de conservação e preservação da natureza.

Este esforço não se transluz pela ideia da estagnação na conservação da natureza, como uma imagem estática a ser eternamente apreciada, mas sim pela análise ampla das mudanças naturais compatíveis através da integração dos ecossistemas. Segundo Worster (2012), “a conservação ambiental torna-se um esforço para proteger certas taxas de mudança em curso no mundo biológico das mudanças incompatíveis em curso na nossa economia e tecnologia”. Afirma ainda que não é um programa para trancar a natureza em um mostruário de museu, para sempre congelada. Deve, pelo contrário, fazer-se um esforço baseado na ideia de que preservar a diversidade de mudanças deve ocupar uma posição elevada em nosso sistema de valores – que promover a coexistência de muitos seres e muitos tipos de mudança é a coisa racional a se fazer.

Considerações finais

A feijoa foi aclimatada em diversos países, que não pouparam esforços para o cultivo da planta e comercialização de seus frutos e subprodutos. A fruta foi levada dos Estados Unidos para a Nova Zelândia, onde encontrou um grande subsídio para seu desenvolvimento. Dos quintais, ganhou as indústrias e por muito tempo a Nova Zelândia foi o maior exportador da espécie *in natura* e seus subprodutos. Atualmente, o país que mais exporta a feijoa é a Colômbia. Preocupados com o mercado consumidor, investem de forma ampla na conquista de um público. Os interesses comerciais desses países evidenciaram a importância que foi dada à espécie, fora de sua área de ocorrência natural.

Durante quase todo o século XX, a feijoa foi pouco estudada no Brasil e sofreu grandes ameaças pela supressão de seu habitat, o que lamentavelmente continua ocorrendo em uma velocidade alarmante. Com escassos incentivos à pesquisa, apenas na década de 1980 a fruta ganhou novamente o cenário nacional, possibilitando avanços na sua domesticação e auxiliando na conservação da floresta a qual ela pertence.

Porém, necessárias são ações que visem conservar a espécie e seu ambiente, especialmente incentivando o seu uso e manejo pelos agricultores – o que, felizmente, alguns já vêm realizando. Nas últimas décadas, a feijoa vem recebendo maior atenção por parte dos órgãos governamentais e

tornou-se objeto de estudo no Brasil. Esforços, como o do Grupo Ecológico de Ipê, vem auxiliando na conservação da biodiversidade local, através do cultivo e do manejo de uma espécie nativa, alterando a negativa realidade da destruição dos recursos pelas espécies exóticas.

Agradecimentos

Este trabalho é parte da tese de doutorado defendida pela autora Samira Peruchi Moretto, em agosto de 2014, sob a orientação dos professores Eunice Sueli Nodari e Rubens Onofre Nodari.

Os autores são membros do projeto “As Florestas com Araucárias no Cone Sul e a alteração das paisagens”. Apoio financeiro: CNPq.

Referencias

Altieri M 2004. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Editora da UFRGS, Porto Alegre.

André E 1898. Um nouvel arbre frutier: Feijoa sellowiana. *Revue Horticole*. v.70, p.264-265.

Cardoso JH 2009. *Cultivo e conservação da feijoa: uma homenagem a um agricultor guardião*, Embrapa Clima Temperado, Pelotas.

CBD - Convention on Biological Diversity. *COP 5, Decision V5*. 2000 [citado em 25 ago. 2011]. Disponível em: <http://www.cbd.int/decision/cop/?id=7147>

DEAN 1996. *A ferro e fogo: a história e devastação da Mata Atlântica brasileira*, Companhia das Letras, São Paulo.

Ducroquet JPHJ, Hickel ER, Nodari RO 2000. Goiabeira-serrana (Feijoa sellowiana), FUNEP, Jaboticabal.

Ducroquet, JPHJ, Nunes EC, Guerra MP, Nodari RO 2008. Novas cultivares brasileiras de goiabeira serrana: SCS 414-Mattos e SCS 415-Nonante. *Agropecuária Catarinense*, v. 21, p.79-82.

Embrapa, Encontro de Iniciação Científica e Pós-Graduação da Embrapa Clima Temperado 2006. *Anais: idéias, tecnologia e inovação*, editores Rosa Lía Barbieri. Embrapa Clima Temperado, Pelotas.

Entrevista com o agricultor *Vilmar Menegatti* no dia 06 de agosto de 2009.

Entrevista com o agrônomo *João Rodrigues Mattos*, em Florianópolis, no dia 05 de outubro de 2009.

Fischer GD, Miranda G, Cayón EM, Mazorra (Org) 2003. *Cultivo, poscosecha y exportación de la feijoa (Acca sellowiana Berg)*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, p. 11.

Giulietti, Harley, Queiroz, Wanderley & Berg. Levantamento preliminar de espécies frutíferas de árvores e arbustos nativos com uso atual ou potencial do Rio Grande do Sul. *Rev. Bras. Agroecologia*. 2002 Fev [citado em 25 ago 2011] v.2 (1): p.53. Disponível em: <http://www.cenargen.embrapa.br/recgen/sibrargen/glossario/welcome.html>

Lim TK 2012. *Edible Medicinal and Non-Medicinal Plants: Volume 3, Fruits*, p.607.

Mattos JR 1954. *Estudo pomológico dos frutos indígenas do rio Grande do Sul*, Oficinas Gráficas da imprensa Oficial, Porto Alegre.

Mattos JRA 1986. *Goiabeira-serrana*, Instituto de Pesquisas de Recursos Naturais Renováveis, Porto Alegre.

Medeiros JD 2004. Introdução. *Revista Floresta com Araucárias: um símbolo da mata a ser salvo da extinção*, APREMAVI.

Meirelles LR, Rupp LCD (coord). *Biodiversidade: Passado, Presente e Futuro da Humanidade*, Secretaria da Agricultura Familiar e Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2006 [citado em 25 ago 2011]. Disponível em: <http://www.crfg.org/pubs/bkrev/Feijoas.html>.

Morton J. Feijoa. – *Fruits of warm climates*. 1987 [citado em 16 out 2013]. Disponível em: <http://www.hort.purdue.edu/newcrop/morton/feijoa.html>.

Myers N, Mittermeier RA, Mittermeier CG, da Fonseca GAB, Kent J 2000. *Biodiversity hotspots for conservation priorities*. Nature, v.403, p.853-858.

Nodari RO, Ducroquet JPHJ, Guerra MP, Meler K 1997. Genetic variability of Feijoa sellowiana germoplasm. *Acta Horticulturae*, Leuven, n.452, p.41-46.

Rodriguez M, Arjona H, Campos H 2006. Caracterización físicoquímica del crecimiento y desarrollo de los frutos de feijoa (*Acca sellowiana* Berg) en los clones 41 (Quimba) y 8-4 Physical-chemical characterisation of the growth and development of pineapple guava fruit (*Acca sellowiana* Berg) clones 41 (Quimba) and 8-4., *Agronomía Colombiana* 24(1), p.54-61.

Simões LL, Lino CF (Org) 2002. *Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais*. SENAC, São Paulo.

Thorp G, Bielecki R 2002. *Feijoas: Origins, Cultivation and Uses*. HortResearch, Ed. David Bateman.

Usda.gov. CIDADE United Department of Agriculture. *Feijoa – Acca sellowiana*. 2012 [citado em 16 out 2013]. Disponível em: <http://www.ars-grin.gov/npgs/searchrin.html>.

Valois ACC, Salomão AN, Allem AC (Org). *Glossário de Recursos Genéticos Vegetais*. [citado em 10 set 2013]. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/96542/1/Glossario-de-recursos-geneticos-vegetais.pdf>.

Volpato CA, Danazzolo J, Nodari RO 2011. *Melhoramento participativo da goiabeira-serrana: uma parceria que dá frutas*, UFSC/CCA, Florianópolis.

Worster D 2012. A Natureza e a desordem da história. In: Franco JLA et al. (orgs). *História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*, Garamond, Rio de Janeiro, p.383.

Worster D ANO. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente e Sociedade*, 5 (2):23-44.

Yates FA 2007. *A arte da memória*, Editora da UNICAMP, São Paulo.